

NATUREZA E METRÓPOLE: UM ESTUDO DAS PAISAGENS NAS POÉTICAS DE VICTOR HUGO E CHARLES BAUDELAIRE.

Grace Alves da PAIXÃO¹

RÉSUMÉ: La nature et la ville sont des thèmes fondamentales dans les poétiques de Victor Hugo (1802-1885) et de Charles Baudelaire (1821-1867). Néanmoins, lorsqu'ils font de ces deux paysages matériel lyrique, ils leur donnent des traitements distingués d'après la manière particulière que chacun les regardaient. La recherche s'utilisera d'un approche comparatif des poétiques en question dont la méthodologie sera l'analyse de quelques poèmes où les paysages naturels ou artificiels sont présents. L'objectif principal c'est voir la façon dont les poètes apportent la modernité à la poésie.

Introdução

O advento da modernidade com todo o aparato material que a sustenta e que lhe é intrínseco trouxe consigo um profundo impacto na vida do homem a partir do século XIX, de modo que uma das características fundamentais da cultura moderna é a gama de construções que acabam por afastar homem e natureza. O mundo artificializava-se em ritmo acelerado, impossível não pensar nos sentimentos que esse processo provocava no homem de então e na literatura que produzia.

O homem moderno cindiu-se diante o novo estado das coisas, da nova ordem social, dos novos meios de produção... Aceitar ou refutar tudo isso? Nada melhor do que a literatura pôde captar essa tensão moderna. Não raro, as obras desse período expressavam o desejo de fuga como reação ao processo de modernização, daí a valorização da natureza, já que, em meio a ela, o poeta sentia-se à vontade para lamentar o "infortúnio" de não se adequar à vida cidadina. A poética hugoana é fecunda em exemplos de composições onde a busca da paisagem natural é intensa, haja visto o título de um de seus livros mais conhecidos: *Les Contemplations* (1856), o qual está repleto de poemas campestres, onde o poeta assume a posição do contemplador.

Contudo, na segunda metade do XIX, a relação que o homem estabelece com a natureza sofre mudanças. Vejamos o que diz Antonio Candido (1988) a esse respeito:

Com a Revolução Industrial (...) surge a idéia de que o homem pode manipular e dominar a natureza. Antes, ele propiciava a natureza, adaptava-se e obedecia a ela. Agora ele vai voar, fissurar o átomo. A manipulação da natureza altera a relação do escritor com a sua palavra. Se a máquina domina o mundo, a palavra pode dominar seu objeto. Ela chega mesmo a suprimir seu objeto, tornando-se objeto de si mesma.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Francesa na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)/Universidade de São Paulo (USP). E-mail: paixao.grace@gmail.com

Essa brincadeira começa com o romantismo...

Seu pensamento sobre a manipulação da natureza na sociedade moderna e as implicações que esse movimento leva à poesia nos remete imediatamente às *Flores do Mal*, de Charles Baudelaire – aqui a França vê surgir uma nova poesia, um fenômeno que ficará conhecido como um divisor de águas a separar do Romantismo as diversas correntes estéticas que figurarão a poesia moderna. Toda a obra baudelairiana mantém profundo diálogo com a estética romântica, porém sua poesia já não mais pertence àquilo que hoje chamamos de Romantismo (Friedrich, 1991: 37).

Nessa poética, não encontramos o mesmo evasimismo romântico, mas o autor projeta um outro olhar sobre a natureza, enxergando-a com os olhos do “poeta da modernidade” (Friedrich, 1991: 35). Ao mesmo tempo, os elementos artificiais da metrópole tomam espaço considerável em toda a obra.

Uma abordagem comparativa das duas poéticas em questão, com enfoque especial nas paisagens retratadas, de modo a visualizar de que maneira os poetas trazem a modernidade para a lírica, nos permitiria abordar correlações e diferenças entre suas poéticas e contribuir com os estudos sobre as relações entre lírica e sociedade.

Hugo: perfeição na natureza e miséria metropolitana

Embora Victor Hugo tenha retratado a cidade com sua multidão, paisagem e conflitos em muitas de suas composições literárias, é inegável que mantinha com a natureza uma proximidade ímpar. Em “Le poète s’en va...” (Hugo, 1985: 258-259), temos um exemplo dessa relação: a chegada do poeta a caminhar por entre os campos é um acontecimento marcante para a natureza, que se prepara para o acolher, atestando assim a identificação entre ambos; está aí o advérbio *familiarmente* apontando para uma relação íntima, como se formassem uma família em plena harmonia. Mais que um ente querido, o poeta é o amado das flores, sentimento confesso por elas mesmas (vs.9 e 10).

Et, familièrement, car cela sied aux belles :
- Tiens ! c'est notre amoureux qui passe ! disent-elles.

Um dos aspectos que nos chamam a atenção no poema é a coloração da paisagem natural, cuja beleza é conquistada pelo vermelho das flores, que se intensifica ao ser aproximado do vermelho do rubi, pela enorme gama de cores existentes na cauda do pavão, que permite a multiplicação dos mais variados matizes que a imaginação do leitor possa criar, pelo dourado e pelo azul das pequenas flores. Além da quantidade de tonalidades em verde suscitada pela presença das árvores.

Et le voyant venir, les fleurs, toutes les fleurs,
Celles qui des rubis font pâlir les couleurs,
Celles qui des paons même éclipseraient les queues
Les petites fleurs d'or, les petites fleurs bleues,

À natureza são atribuídas características humanas : seres dotados de sentimentos,

vontades e ações carregados de intencionalidade: vêem o poeta, agitam-se para o acolher, curvam-se para o saudar, falam uns aos outros, contemplam sua face e murmuram entre si. A comparação das árvores com homens e a presença de certos traços que fazem parte da fisionomia humana configuram ainda mais a personificação da natureza.

Les grands arbres profonds qui vivent dans les bois,
Tous ces vieillards, les ifs, les tilleuls, les érables,
Les saules tout ridés, les chênes vénérables,
L'orme au branchage noir, de mousse appesanti,
Comme les ulémas quand paraît le muphti,
Lui font de grands saluts et courbent jusqu'à terre
Leurs têtes de feuillée et leurs barbes de lierre,
Contemplant de son front la sereine lueur,

A prosopopéia deve-se ao fato de que Victor Hugo não via a natureza apenas como um conjunto de seres inanimados ou figuras exteriores ao seres humanos, mas procurava transmitir em suas poesias a fisionomia, sentimentos e sensações desses, buscando tudo o que há de humano em todas as coisas.

Mas é importante distinguirmos um poeta hugoano cuja persona exalta a natureza de um outro que olha para a metrópole e está intimamente envolvido com suas causas. Existem poemas nos quais o poeta está intimamente ligado às questões sociais metropolitanas, onde a massa é elemento de reflexão, como por exemplo, aqueles de “Liberté, Égalité, Fraternité”² - já o título leva as palavras-lemas da Revolução de 1789, grito que vai guiar o pensamento no século XIX.

Miséria e Revolução, eis dois temas recorrentes nos poemas que versam sobre a cidade.

Ao mesmo tempo em que Victor Hugo se mostrava fascinado pelos feitos da modernidade, seus poemas revelam o quanto não se conformava com os paradoxos da sociedade moderna, pois acreditava que todo avanço tecnológico deveria convergir para a realização dos ideais iluministas. O caráter humanitário dessa poética está bastante presente em “Le Mendiant”. O homem já de idade avançada que morava sob uma escadaria aparece vestido com um manto desbotado comido por vermes, ele tem frio e fome. O poeta é solidário ao mendigo que bate à sua porta, acolhendo-o, alimentando-o e reconfortando-o em sua própria casa.

Tendant les mains pour l'homme et les joignant pour Dieu.
je lui criai : « Venez vous réchauffer un peu.
Comment vous nommez-vous? » Il me dit: « Je me nomme
Le pauvre. » Je lui pris la main: « Entrez, brave homme. »

A atitude daquele que acolhe o miserável está associada a uma conduta considerada *civil*, por isso serve de modelo a todos os cidadãos parisienses. Nesse

² Conjunto de poemas de *Les Chansons de Rues et des Bois*, de Hugo.

sentido, ela prega um ideal vinculado à Revolução Francesa, que iguala os homens entre si.

Un pauvre homme passait dans le givre et le vent.
Je cognai sur ma vitre; il s'arrêta devant
Ma porte, que j'ouvris d'une façon civile.

Ao descrever a maneira como vivia o velho mendigo, Hugo denuncia as diferenças existentes no âmago da sociedade moderna, fato que mostra o quanto seus ideais estavam longe de se tornar realidade.

Ao ler o livro III das *Contemplations*, “Les Luttes et les Rêves”, Pierre Albouy (1967) aponta para um outro paradoxo existente em sua poética, aquele entre a abundância da natureza e a escassez humana. Hugo comparava esses dois mundos e, por vezes, via entre eles uma oposição bastante significativa no que se refere às condições de vida – da natureza enxergava a abundância e a harmonia; da cidade, a miséria e a desigualdade.

Baudelaire: o apreço pelo artificial e a natureza que sucumbe

O poeta da segunda metade do século XIX já não mais anda por entre os bosques, mas busca na cidade matéria-prima para a sua poesia. Por esse tempo, a paisagem natural romântica caíra no lugar comum, desgastara-se; o sentimentalismo aí presente não condizia com o espírito decadentista de final de século: o canto harmônico dos pássaros, as flores majestosas, o ser humano em harmonia plena com as árvores... todas essas imagens tornaram-se forçadas, pois não correspondiam à nova realidade metropolitana (Gautier, 2001: 61).

Em “Paysage” (Baudelaire, 2003[1857]:115), o poeta quer dormir perto do céu para compor seus poemas. Nesses versos, ele não ouve o canto dos pássaros como o poeta hugoano, mas os hinos solenes dos campanários, trazidos pelo vento.

Je veux, pour composer chastement mes églogues,
Coucher auprès du ciel, comme les astrologues,
Et, voisin des clochers, écouter en rêvant
Leurs hymnes solennels emportés par le vent.

Neste momento, gostaria de chamar atenção para a palavra *écloga* empregada no primeiro verso, lembremo-nos que a *écloga* é um gênero de poesia campestre, entretanto os elementos presentes no poema não provêm do campo, mas da própria cidade. “... A simples designação *écloga* dada a um poema que transfere o encantamento para uma capital tumultuosa manifesta a radicalidade da revolução estética de Baudelaire...” (Cândido, 2004: 22). Em meio aos prédios, às torres, aos mastros, canos e relógios da cidade, o poeta sonhará com paisagens idílicas.

Na verdade, do lugar em que se encontra, podem ser contemplados tanto os fenômenos naturais (a estrela que nasce no horizonte e a lua com seu “pálido encantamento”), quanto a metrópole e sua composição artificial: a lâmpada que se acende, cuja luz ilumina a janela, e a fumaça das chaminés, aqui retratadas como rios de

carbono a subir aos céus.

Il est doux, à travers les brumes, de voir naître
L'étoile dans l'azur, la lampe à la fenêtre,
Les fleuves de charbon monter au firmament
Et la lune verser son pâle enchantement.

Antonio Candido acha “curioso verificar que a paisagem urbana se mistura aos aspectos da natureza para gerar uma nova fisionomia de mundo, pois o poeta vê se acenderem ao mesmo tempo a estrela vésper (natureza) e a lâmpada na janela (cultura)” (Cândido, 2004: 22).

Em “Chant d'Automne” (Baudelaire, 2003[1857]:88), é o próprio inverno que entrará no ser do poeta trazendo-lhe, junto aos fenômenos naturais peculiares a essa estação, “maus” sentimentos, tais como a cólera, o ódio, arrepios, horror, trabalho duro e forçado.

Tout l'hiver va rentrer dans mon être : colère,
Haine, frissons, horreur, labeur dur et forcé,
Et, comme le soleil dans son enfer polaire,
Mon coeur ne sera plus qu'un bloc rouge et glacé.

A natureza exerce ação direta no estado de espírito do homem, mas esse poeta não se identifica com as árvores, flores ou animais. Antes, compara-se à árvore morta que cai sobre o *pavé des cours* e cujo barulho é o canto outonal a que o título do poema se remete.

J'écoute en frémissant chaque bûche qui tombe ;
L'échaufoud qu'on bâtit n'a pas d'écho plus sourd.
Mon esprit est pareil à la tour qui succombe
Sous les coups du bélier infatigable et lourd.

O poeta baudelairiano ouve, como um canto, o bosque sendo derrubado num dia frio.

Conclusão

Ainda que sucinta, a leitura dos poemas já aponta para uma distância entre os dois poetas no que se refere ao tratamento da natureza e da artificialidade e mostra uma evolução significativa da conexão entre Homem/Natureza/Artificialidade no caminho da modernidade. Hugo e Baudelaire apresentam notáveis divergências de postura no que tange à valorização da natureza e à maneira de encarar o ambiente metropolitano.

A Hugo, a natureza serve como grande musa inspiradora pela qual era tocado e inspirado numa relação de proximidade familiar, por isso compôs poemas cuja subjetividade lírica a valoriza como expressão do sublime. Segundo Adorno, a natureza romântica carregada do semblante humano tal qual nos poemas hugoanos como “Le poète s'en va” seria sintoma de uma unidade já perdida – a tentativa frustrada de uma

identificação :

...O eu que ganha voz na lírica é um eu que se determina e se exprime como oposto ao coletivo, à objetividade ; sua identificação com a natureza, à qual sua expressão se refere, também não ocorre sem mediação. O eu lírico acabou perdendo, por assim dizer, essa unidade com a natureza, e agora se empenha em restabelecê-la, pelo animismo ou pelo mergulho no próprio eu. Somente através da humanização há de ser devolvido à natureza o direito que lhe foi tirado pela dominação humana da natureza... (Adorno, 2003[1958]: 70)

Baudelaire não experimentou esse movimento de forjar uma identificação entre homens e natureza. A sua natureza não é retratada com características humanas, nem tampouco está em harmonia com o poeta, talvez porque este soubesse que a modernidade era um caminho sem volta: já afetara a subjetividade humana, já ameaçava a própria lírica. Então, a solução foi resgatar o belo e fazer com que a lírica acontecesse mesmo numa realidade totalmente improvável, ou seja, na cidade moderna. Por isso, a poesia baudelaireana recorre a toda forma de artificialidade.

Ao mesmo tempo, há diferenças categóricas de perspectivas ao olharem para a metrópole, haja visto o caráter humanitário da poética hugoana, inexistente nas composições de Baudelaire. Ao defrontar-se com a cidade e com seus habitantes, manifestava-se em Victor Hugo um sentimento de inconformismo com o sofrimento dos seres, ele sempre esteve sensível aos excluídos, a ponto de assumir para si e para a literatura que produzia a função de reverter a realidade social.

A poesia social parecia ser a única via possível em meio ao caos urbano até a vinda de Baudelaire, mas com ele foi inaugurada a possibilidade de poesia lírica na dura realidade da metrópole. Sua luta diária é a que trava contra a folha em branco, ou seja, ele toma o partido da poesia e, na ânsia pela sobrevivência do lírico na sociedade moderna, acaba por transformar em matéria poética todos os elementos materiais que encontra na modernidade.

Agradecimentos

Agradeço especialmente à Profª Drª Gloria Carneiro do Amaral, orientadora da pesquisa.

Referências Bibliográficas:

- ADORNO, Theodor.W. (2003[1958]) *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34.
- ALBOUY, P. (1967) "Introduction". In: HUGO, V., *Oeuvres Poétiques II*, pp.LXI-LXII. Belgique: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade.
- BAUDELAIRE, C. (2003[1857]) *Les fleurs du mal*. Paris: Gallimard. Folio classique 3219.
- CÂNDIDO, A. (1988). "Romantismo nosso contemporâneo". *Jornal do Brasil*, Suplemento de Idéias. Rio de Janeiro, 19 de março.
- _____. (2004) *O albatroz e o chinês*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul.
- FRIEDRICH,H. (1991) *Estrutura da lírica moderna* (trad. CURIONI,M.M.). São Paulo: Duas Cidades.
- GAUTIER, T. (2001[1868]) *Baudelaire*. Trad. De Mário Laranjeira. São Paulo: Boitempo.

HUGO, V. (1967) *Oeuvres Poétiques II*. Belgique: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade.
_____. (1985) *Oeuvres Complètes. Poesies II*. Paris: Laffont.